



## A/R/TÓGRAFIA DO PROCESSO CRIATIVO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4130

Annelise Nani da Fonseca, UEM  
Isabella Regina Rizzo Xavier, UEM

### Resumo

Esta pesquisa investiga o processo criativo por meio de análise de imagem e da pesquisado repertório iconográfico para a compreensão da poética de duas artistas: Goya Lopes e a marroquina Yasmina Zyat. Outro objetivo do trabalho é apresentação da análise do meu próprio processo criativo em estampas, visto que, ambas artistas que compõem o referencial iconográfico trabalham com estampa. Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, e tem como metodologia a pesquisa em arte proposta por Sandra Rey (2002) que trabalha os processos de criação dos artistas. Além disso, a pesquisa conta com a metodologia de análise de imagem proposta por Barbosa (1998), Pillar (2011) e Sales (2010). Enquanto que, para fundamentar o processo criativo o artigo conta com Salles (2012), Ostrower (2012) e Dias; Irwin (2013). Por fim a coletânea do repertório iconográfico conta Fálcon e Lopes (2010), assim como *sites*, *blogs* e entrevistas. Desta forma, as análises abordam como a vivência permeia o processo criativo dos artistas.

### Palavras Chave:

Arte; Processo de Criação; Vivência.

## Introdução

O ato de criar está presente na vida do ser humano desde os primórdios, e pode ser visto em elementos como as paredes das cavernas, onde o homo sapiens registrou nas paredes sua visão de mundo, nestas representações eles desenharam animais, os seus métodos de caça, estes registros contribuíram para a nosso conhecimento do cotidiano do seres humanos daquele período. Com o passar do tempo o ato de criar artisticamente não saiu do nosso cotidiano, mas sofreu modificações. Atualmente esses registros disputa de uma miríade de possibilidades expressivos como: a ludicidade, a ironia, a desconstrução a abstração entre outros. Todas essas possibilidades descritas emergem ao acaso contrariamente a isso, os processos criativos consistem em uma ação. Perante o exposto, fica evidente que o processo criativo não constitui em um ato divino, mas sim produzido premeditadamente, por base de estudo e de influências implícitas ou não. E quando se fala em influência deve-se lembrar do fator cultural, onde podemos utilizar das palavras de Ostrower (2012) para explicar que:

A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve e uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida. No indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois polos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura. (OSTROWER, p.5, 2012)

E nesta compreensão que será analisada a primeira artista que constituiu uma das referências pictóricas do meu processo criativo que é Goya Lopes. Ela além de uma artista, é uma designer com uma capacidade criativa que vai além do

senso comum, pois vem trabalhando com esta temática há décadas e está em constante estudo para aprimorar seu processo criativo e imprimir uma linguagem autoral em duas produções. Baiana, nascida em 1954, Goya Lopes cursou Artes Plásticas na Universidade Federal da Bahia e, após se formar, ganhou uma bolsa para cursar uma especialização em design na Università Internazionale dell'Arte, em Florença. Após isso, entrou em contato com o campo da moda e nunca mais saindo dele, como informa seu *site* (2016). Goya fez diversos trabalhos para marcas nacionais, em que produzia suas estampas que são uma mescla de elementos da cultura africana e baiana, utilizando as cores da Bahia com os temas e elementos presentes nas estampas africanas. Segundo o site Geledés (2012): “Goya objetiva, principalmente, resgatar o lúdico nacional. Em seus tecidos, entalhes nigerianos dançam ao som dos mais alegres ritmos da Bahia.”. Com isso, Goya nos traz um novo olhar a respeito das estampas africanas, uma reinterpretação diferente da maioria das produções do continente africano que, em sua maioria, exploram uma paleta terrosa, a artista reinterpretação este referencial cultural adicionando uma paleta tupiniquim. No entanto, ela configura sua linguagem autoral, porque com essas cores ela traz uma vida a mais dentro das estampas, entalha o povo baiano dentro de suas estampas e o mostra para o mundo todo.

Goya estuda em suas produções, os elementos que serão significados e ressignificados através de uma pesquisa que segundo Geledés (2012) parte da própria artista/designer. Nessas pesquisas, Goya mostra como ela encara a relação do baiano com a África e, como os costumes nacionais oriundos dos indígenas e dos europeus se miscigenam. Conforme Geledés (2012), seu trabalho indica que o pessoal da Bahia deseja voltar ao contato com sua ancestralidade, porém, de maneira contemporânea. Portanto, Goya utiliza os elementos considerados

cotidianos da vida dos/as baianos/as em conjunto com as cores fortes e vibrantes, umas características do Brasil, para ressignificar esse cotidiano, para valorizar a cultura negra em nossa matriz cultural e a nossa miscigenação, é isso que fica estampado em sua produção.

Esta artista concentra sua pesquisa na produção de seus desenhos, que são feitos à mão, como relata em uma entrevista para o canal GNT (2012). Ela acompanha pessoalmente cada etapa de sua produção e, é importante destacar que ela é responsável pela arte final, sendo uma produtora não só de arte e moda, mas também de design de moda, indo além dos campos de atuação, destacando-se como uma representante da diversidade cultural existente no país. Isso pode ser visto na primeira imagem analisada, intitulada “*Cenas do Cotidiano*” que, segundo a descrição do site da artista (2016), nos informa que:

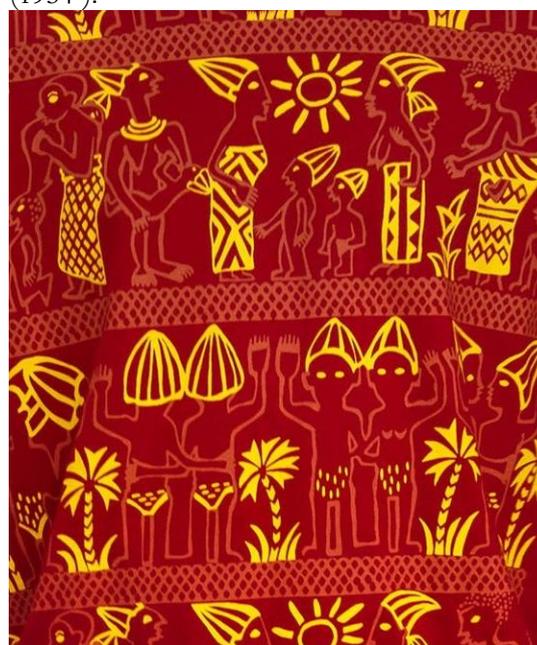
Esta estampa mostra o dia a dia das mulheres com seus filhos, chefes, reis, trabalhadores e dos guerreiros com seus adornos. Os desenhos apresentam esses momentos de atividades simples do cotidiano das pessoas, cheios de tradições e harmonia com a natureza. (LOPES, 2016)

A relação com a natureza é presente nas produções da artista, pela sua relação com a cultura africana que foi passada para a cultura afro-brasileira, conforme evidencia Fálcon e Lopes (2014):

É íntima a conexão do homem africano com o ambiente em que vive. A sua cultura lhe diz que as árvores e os animais carregam um significado sagrado e, portanto, é necessário render-lhes as devidas homenagens. (FÁLCON; LOPES, p.14, 2010)

Com isso, africanos/as e seus descendentes prezam por essa relação que se mantém naqueles que compartilham dessa visão de mundo, na qual eles/as se espelham no baobá<sup>1</sup>, um elemento importante dentro da cultura e crença africana, para inspirar sua produção artística. Cabe salientar, que a relação deles com a natureza não é apenas mística, mas também vivenciada no cotidiano, e esta relação pode ser vista na imagem a seguir [fig.1].

Figura 1. *Cenas do Cotidiano*, Goya Lopes (1954-).



Fonte:

<https://goyalopes.com.br/collections/cenas-do-cotidiano> (2016)

A partir da estampa acima se pode observar a paleta quente e vibrante que a artista adota, como o amarelo e laranja em um fundo vermelho, onde estão sendo retratadas pessoas realizando ações rotineiras e pela forma que são representadas em partes separadas parece que dançam nesse cotidiano, trazendo com as cores e as formas movimentos, alegria e ritmo a esta estampa. A indumentária que utilizam retrata a África que Goya sempre explora. Se pode inferir que a forma que as personagens se

como “embondeiro”, é árvore envolta em forte aura mística. LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana.

---

<sup>1</sup> Grande árvore da família das bombacáceas, nativa da África tropical... Em Angola, conhecida

encontram, há harmonia entre elas, existe a ideia de comunidade, pois, não parece que as figuras, em momento algum, se encontram em disputas ou animosidade. Cabe ressaltar que, de certa forma, a harmonia retratada representa uma alegoria, pois, nem todas étnicas do continente são pacíficas. A ideia da produção pode ser considerada uma visão romantizada da sociedade africana, das etnias em convivência pacífica. Entretanto, o que a autora pretende retratar, é justamente a união ideal de uma sociedade, que existe nas tribos apesar dos conflitos.

Goya, apresenta uma obra de arte e uma peça têxtil que traz de forma diferente questões da cultura africana e sua relação com o povo brasileiro, sendo assim, a artista/designer promove o debate da cultura afro-brasileira dentro do campo da moda nacional, e conforme as próprias palavras da artista em uma entrevista feita por Pestana (2014):

A **moda afro-brasileira** também está sendo vista como parte dessa cultura. É fundamental que nesse momento em que se está pensando na moda como cultura, pensarmos também em como trabalhar e pensar, realmente, como reconhecer a moda afro-brasileira, quem são os seus atores, quem somos nós nesse momento. Para tal, é necessário reconhecer e mapear esses atores. (PESTANA, site, 2014)

A segunda artista que compõem o repertório iconográfico é a artista marroquina Yasmina Zyat, cujo os trabalhos são telados desconstruídos, que por sua vez desconstróem o preconceito da mulher islâmica e da situação da mulher no contexto de guerra. Segundo a descrição do sobre sua arte no site Artactif (2016) não são nem pinturas e nem esculturas, mas instalações em molduras de madeira, onde a artista coloca todas as sensações que tem sobre o mundo, conforme ela explica:

(...) em todos os lugares vemos guerras e desgraças, imagens que continuam constantemente e estão sempre presentes no nosso cotidiano através de jornais e televisão. Eu sinto que minha mente catalogou essas imagens, misturou-as, e fundiu-se no meu trabalho. (ARTACTIF, 2016)

Desta forma, de maneira poética esta artista mostra sua análise sobre o que acontece no mundo, sobre as mazelas que atinge diversos povos. Cabe ressaltar que essa é uma atitude corajosa pois, ela é uma mulher produzindo arte em um país onde a religião islâmica é predominante o machismo impede as mulheres de produzirem e fazerem inúmeras coisas. Ou seja, o machismo é ainda mais opressor neste contexto.

*Sem título*, Yasmina Zyat, ano desconhecido.



Fonte:

<https://br.pinterest.com/pin/79798224618639618/> (2017).

As obras de Yasmina normalmente contém rasgos, queimados, furos, sinais de violência. Por meio destes efeitos a artista materializa a violência que cerca o ser humano, principalmente a mulher, independentemente do local em que se encontra.

A artista explora sua raiva de forma poética e delicada é como nossa artista consegue se expressar, e o que chama tanta atenção para ela, pois só utiliza temas que a afeta e que pensa serem

importantes “somos afetados principalmente por aquilo que permitimos que nos afete...” (PANOFSKY, p.25, 2011), e quando um artista é afetado segundo Salles (p.27, 2012): “(...) é impelido a agir”, a produzir obras que questionam mais do que respondem, que deixam o sentimento de inquietação no espectador, que o faz pensar sobre a obra mesmo após ter saído da exposição, que o faz consumir conteúdo para conseguir compreender, e nesse ato de compreender acaba se inquietando mais ainda, e repete esse processo infinitamente em busca de compreender cada vez mais o mundo que o cerca e suas formas de expressão. Yasmina Zyat é uma artista marroquina que tem muito a mostrar, porém existe uma dificuldade em achar materiais sobre ela, sejam físicos, sejam em mídia digital, onde apenas um artigo que analisa sua produção que conseguimos encontrar com fácil acesso para fundamentar nossa análise da sua obra. Faltam informações até sobre seu nascimento, além disso das suas produções e suas obras. Porém esperamos que logo isso mude, pois, além dela, existem outras artistas marroquinas que merecem atenção. Mesmo perante o pouco material encontrado a fora de sua produção justifica sua menção e seu estudo.

Até o momento foi discutido a respeito do processo criativo de diversos artistas. Além disso, foi analisado o processo criativo de duas artistas selecionadas que tendem a dialogar com todo o tema de pesquisa. Dessa forma, a partir de deste momento, o foco da pesquisa será o meu processo de criação e tudo que o compõem, consiste a artografia entrar como metodologia de análise do processo criativo, justificando a escrita em primeira pessoa. E esse movimento de buscar referências em diversos locais, que a A/r/tógrafia<sup>2</sup>, que é uma vertente da

pesquisa *em* arte, perante do exposto, a pesquisa em a/r/tografia se encaixa, na pesquisa *em* arte, pois, a “(...) a/r/tografia é uma Pesquisa Viva, um encontro constituído através de compressões, experiências e representações artísticas e textuais.” (DIAS; IRWIN, p.28, 2013). E esta vertente se desenvolveu para o artista atual pois, conforme nos fala Rey (2002).

O artista contemporâneo, para fazer frente a habilidades e conhecimentos tão diversificados que se apresentam de forma imbricada no processo de criação, passa a constituir a arte como um campo fecundo para a pesquisa e a investigação. (REY, p.125, 2002)

Ao pensar nas minhas produções e nas referências que me leva a produzir, acabo me perdendo no mar de informações e referências que nos cercam desde a infância. Essas referências me moldam e me dão uma visão de mundo que, por vezes, preciso quebrá-la para conseguir crescer. A projeção do que desejam que eu seja de maneira pré-estabelecida, que segundo Preciosa (2005), contribui para as pessoas fiquem: “(...) enclausurados numa *blindagem* parece fácil negar a turbulência que implica viver. É engraçado pensar nesse eu endurecido, reativo, que esculpimos em nós mesmos.” (p.33). Nesse sentido, quando um artista se dispõe a abordar seu processo criativo, emerge frequentemente uma crise interior, na qual se tenta buscar sentido em algo que ele veio produzindo tão naturalmente, torna uma tarefa dolorosa, trazer para a consciência o que desejos que, muitas vezes, são intuitivos.

Com isso, quando pensei em produzir esse trabalho de conclusão de curso na área de poética, que consiste em produções autorais dos alunos, um misto de entusiasmo e também de preocupação surgiu, pois considero que seja uma das

<sup>2</sup> A/r/tografia é uma outra metodologia assim como de Sandra Rey que trabalha com o processo criativo do artista, sendo uma pesquisa *em* artes também.

<sup>3</sup> Pesquisa em Arte é um termo utilizado por Sandra Rey (2002) onde o foco é o processo criativo de um artista.

formas mais interessantes de um estudante de Artes Visuais se expressar. Mostrar sua produção e tudo que aprendeu ao longo dos quatro anos do curso parece tentador, porém surge a dúvida que cerca a maioria dos alunos de Artes Visuais, a dúvida de que seu trabalho é bom o suficiente, se merece a devida atenção em um trabalho com este peso. Talvez, esta preocupação se dê por conta de não falarmos, não sentarmos e analisarmos nossos trabalhos. Sabemos tudo o que a produção pode significar, mas, quando temos que explicar, que analisar, tudo se perde. A insegurança toma conta, pensamos em cada momento, em cada decisão que tomamos para produzir. Nesse momento, segundo Preciosa (2010) para um artista tornar “(...) grande seu desassossego. Um profundo desconforto assalta esse outrora domador de sentidos, que se vê agora intimado a inventar para si uma maneira singular de ser orientar.” (PRECIOSA, p.20, 2010).

O/a artista passa a buscar o sentido em sua produção e, às vezes, não o encontra de maneira clara, é preciso um estudo aprofundado e isso envolve mexer com o subjetivo, sendo essa uma das tarefas mais complicadas que um artista conhece. E, por vezes, ele/a não sabe de início o que o está levando a produzir, mas tende a produzir mesmo assim, muitas vezes, sem saber o que o aguarda no final. Essa ação acontece, pois, segundo Salles (2012):

O artista é atraído pelo propósito de natureza geral e move-se inevitavelmente em sua direção. A tendência é indefinida, mas o artista é fiel a sua vagueza. O trabalho caminha para um maior discernimento daquilo que se quer elaborar; a tendência não apresenta já em si a solução concreta para o problema, mas indica um rumo. (SALLES, p.29, 2012)

Dessa forma, o/a artista sente-se impelido a produzir, pois, nesse momento ele/a se torna “(...) portador de uma necessidade de conhecer algo, que não

deixa de ser conhecimento de si mesmo, como veremos, cujo alcance está na consonância do coração com o intelecto.” (SALLES, p.30, 2012). Nesse momento é que os rascunhos e ideias iniciais começam a se materializar, quando o que antes estava apenas em sua consciência, é passado para o papel e é repetido e modificado inúmeras vezes, até conseguir alcançar o que o/a artista considera como correspondente ao idealizado.

E, no movimento de se perder e se achar nas ideias de produção é que se encontra uma das partes dolorosas. Por exemplo, é dolorido quando o artista deseja exteriorizar tudo que guarda, mas não consegue fazer da forma que idealiza. É exatamente neste estágio do processo de criação que eu encontrei minha principal dificuldade, em meio aos meus desejos subjetivos e à minha capacidade de produção, gerando inúmeros rascunhos e ideias que não correspondiam ao meu desejo inicial. A tabela a seguir ilustra parte do meu processo, ela surge do meu desejo de retratar os elementos que fizeram parte da minha infância e elementos que conduziram a minha primeira produção [tab.1]. Dentre estes elementos estão as lembranças do arbusto de cróton, que contém várias cores como, por exemplo, vermelho, laranja, amarelo, verde e até roxo, que existia na casa da minha avó, do qual sempre me lembro pela combinação que ele fazia com o azulejo vermelho com detalhes amarelo e preto que a varanda tem. Quando o polvo e seus tentáculos é algo que sempre foi representado nas minhas produções, por vezes pelo meu gosto por esse animal, pela sua inteligência e capacidade de adaptação.

Após a elaboração da estampa um processo de produção do modelo de roupa que ela estaria passando a ser executado, neste momento a ajuda de minha orientadora Annelise Nani da Fonseca me direcionou lapidando minhas ideias para produção do croqui desta roupa. Minha ideia era de uma roupa leve e que se valoriza a estampa produzida,

deste modo, a ideia da produção de um macacão se desenvolveu, conciliando com a ideia de leveza e flexibilidade e estes elementos podem ser vistas a seguir no quadro comparativo do processo criativo, a estampa, o croqui e a modelo.

Tabela 1. Estampa 1; Tentáculos. Croqui; Modelo 2016



## Conclusão

Sendo assim, conclui-se que dentro de um processo criativo, não existem elementos exatos que irão afetar o artista de maneira programada, mas, sim inúmeros fatores que não podem ser explicados sem um estudo sobre a produção final e seu desenvolvimento. Pois, sabe-se que o artista é afetado por tudo à sua volta e, como todo ser humano, carrega consigo uma história, que estará presente em suas produções, mesmo que seja inconscientemente. Além disso, outro ponto que pode ser analisado nesta conclusão é o fato de que quando um artista se dispõe a estudar seu processo criativo, ele pode estar relacionado aos elementos que inicialmente não se pensa a olho nu. Dessa forma, podendo levar ao estudo de uma parte de outro continente que tem artistas que se relacionam diretamente com o trabalho de determinado artista atual, também produzindo um novo estudo que pode servir tanto para área da poética, como também para o ensino de artes dentro da sala de aula.

## Referências

- DIAS, Belidson. IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. DIAS, Belidson. IRWIN, Rita L. (org.) Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.
- Geledés. A designer baiana Goya Lopes e suas criações. Disponível em <<http://www.geledes.org.br/a-designer-baiana-goya-lobes-e-suas-criacoes/>> Acesso. Nov.2016
- GNT GLOBO. Lilian Pacce visita o ateliê de Goya Lopes. Disponível em <<http://gnt.globo.com/programas/gnt-fashion/videos/2139853.htm>> Acesso em: 15 de Jun. 2016.
- LOPES Goya. A Artista. Disponível em <<https://goyalopes.com.br/pages/a-artista>> Acesso em: 15 de Jun. 2016.
- LOPES Goya. **Imagens da Diáspora**. Goya Lopes e textos de Gustavo Fálcon. Salvador: Solisluna Design Editora, 2010.
- PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2011 – (Debates; 99/ dirigida por J. Guinsburg).
- PRECIOSA, Rosane. **Rumores Discretos da Subjetividade -Sujeito e Escritura em Processo**. Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS. 2010.
- PRECIOSA, Rosane. **Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida**. 2d. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.
- Raça Brasil. Entrevista com a designer baiana Goya Lopes que se destaca no segmento da moda afro-brasileira. Disponível em <<http://racabrasil.uol.com.br/paginas-pretas/a-moda-afrobrasileira/2224/>> Acesso em Nov.2016.
- REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes. In: BRITTES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123-140.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. A compreensão do desenvolvimento estético. In: **A educação do olhar no ensino das artes**. Org: PILLAR, Analice Dutra. Porto Alegre: Mediação. 2011.
- SALES, Heloisa Margarido. Arte da África: Leitura de obras. In: **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. Org. BARBOSA, Ana Mae. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processos de criação artística**. São Paulo: Editora Intermeios, 2012.